A abreviatura do *que* e a datação de documentos de arquivo

Leonor Calvão Borges*

Resumo:

É feita uma breve análise do problema da datação de manuscritos em Portugal, das suas reprecurssões no tratamento documental em arquivos e na feitura da história.

Apresenta-se a abreviatura do *que* como instrumento de datação de manuscritos.

Descreve-se a evolução desta abreviatura em textos escritos em Portugal e em português. Caracteriza-se a sua relação com a história da escrita no nosso país, desde fins do século XIII até meados do XIX.

A abreviatura é apresentada, de forma cronológica, sob dois aspectos: o da figura (ou morfologia) e o da feitura (ou construção, estrutura, *ductus*\ tanto em letras cursivas, como em caligráficas, acompanhada do respectivo comentário paleográfico.

Abstract:

The problem of manuscript dating in Portugal is anarysed . Emphasis is on its impact on the study of history and on archive description.

The abbreviation of *que* is presented as a way to date manuscripts.

The evolvement of this abbreviation in documents written in Portugal and using only portuguese language is described. Its relation with the history of writing in Portugal in the period from late 13th century to middle 19th century.

The abbreviation is presented by underlining two aspects: the graphic symbol and its structure, followed by a paleographic comment.

•Arquivista e Mestre em Paleografia e Diplomática. Chefe da Divisão de Documentação e Arquivo do Instituto Português do Património Arquitectónico.
IPPAR - Palácio da Ajuda
1300 LISBOA

O problema da datação de manuscritos em Portugal tem sido objecto de vários estudos.[1] A partir do século XIII, é já referida a obrigatoriedade estabelecida no direito notarial que os tabeliães tinham de, para cada documento escrito, fazer a respectiva subscrição toponímica e cronológica, sendo esta última por extenso[2]. No entanto, nem sempre a prática terá seguido o texto normativo, como sugere Gama Barros, ao comentar os artigos 14° a 16° do Regimento dos Tabeliães de 15 de Janeiro de 1305 "Pôr sempre nos instrumentos o dia, a era e o logar em que foram feitos (...) tudo por extenso (per letras) e não per conto breve".[3]

As diferentes épocas de datação utilizadas em Portugal terão tido também a sua quota parte nalguns casos de interpretação errada da data efectivamente escrita no documento[4], até ao estabelecimento da era cristã e a resolução do problema do início do ano em 1420.

Casos de existência de datações erradas são sobejamente conhecidos[5], quer por falta de elementos nos próprios documentos, quer por falsificações bem forjadas, ou ainda por má leitura paleográfica. É assim, compreensível a sua repercursão no estudo da história bem como a preocupação sentida pelos historiadores neste domínio.

Este problema não pode também deixar de afectar os arquivistas aquando da catalogação dos documentos à sua guarda.

Sendo o estudo da história da escrita em Portugal fundamental para a datação de manuscritos[6], torna-se possível elaborar, de forma complementar, uma evolução de abreviaturas utilizadas ao longo dos tempos[7].

Dentro do sistema abreviativo utilizado ao longo dos tempos, as abreviaturas ligadas a certas letras, (ao p, q, g, s e v, no caso português[8]) permitem explorar melhor essa inter-ligação entre a feitura e figura de uma letra com a evolução das formas de escrita e as grandes mudanças de estilo e evolução estética.

Neste tipo de abreviaturas escolhemos a letra g e a sua abreviatura do *que* por ser uma constante na documentação utilizada desde as épocas mais remotas[9] até praticamente a actualidade, independentemente de se tratar de escrita cursiva ou caligráfica. Tentaremos dar uma evolução dessa mesma abreviatura em textos escritos em Portugal e na língua portuguesa, desde meados do séc. XIII até à segunda metade do século XIX, relacionando-a com as diferentes modificações da escrita em Portugal.[10]

Para isso fizemos um levantamento dessa abreviatura[11], cujo universo de amostras se cinge às datas indicadas, tendo maior representatividade as escritas usuais ou

administrativas, em detrimento das caligráficas, e a abreviatura feita com a letra minúscula (caso mais vulgar), muito embora se apresentem alguns casos desta abreviatura com maiúscula.

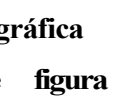
A apresentação da sua evolução, datação e respectivo comentário paleográfico, seguirão o esquema Malloniano .

Iniciaremos com a abreviatura maiúscula do *que,* que só encontrámos em documentos datados entre 1270 e 1316, época em que já nos encontramos perante a letra gótica[13].

Desta abreviatura encontrámos três figuras e feituras diferentes, que designaremos, para efeitos de comentário por Q1, Q2 e Q3.

O tipo Ql aparece de 1270 a 1299, em 9 amostras.

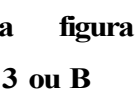
A sua figura é um exemplo típico da gótica caligráfica usual: opção arredondada, em que as variantes de figura se limitam à apresentação maior ou menor do olhai da letra, número de linhas ornamentais dentro do olhai (l ou 2) e abertura, ou não, do respectivo olhai.



Ql

Quanto à forma em que a abreviatura é apresentada, ela é maioritariamente feita através de um sinal, mais ou menos horizontal, por cima do traço de saída da letra (n°4), embora surja duas vezes com o sinal de abreviatura por cima do Q e, num único caso, com um *e* sobrescrito em cima do traço de saída da letra.

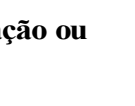
O Tipo Q2 surge de 1293 a 1309 e diferencia-se na figura pelo aparecimento de uma "fractura" em forma de 3 ou B no segundo traço constituinte da letra, sendo um bom exemplo da angulosidade que a letra gótica, em certos casos, apresentava.[14]



Q2

Neste segundo tipo, do qual se recolheram 7 amostras, o sinal de abreviatura tem uma proporção inversa ao Q1: surge maioritariamente (4 vezes) o sinal geral sobre a letra, para aparecer apenas em metade com o sinal por cima do traço de saída da letra, e, num único caso, com um *e* sobescrito, à semelhança do que acontece em Q1.

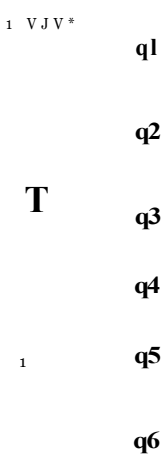
O Tipo Q3 surge uma única vez em 1316 e a sua figura e feitura são as do alfabeto inicial[15], com ornamentação ou preenchimento do primeiro traço da letra.



IQ[3]

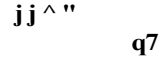
Quanto à forma minúscula da abreviatura, ela surge-nos com um grau de utilização e variedade de apresentação que permite bem a sua identificação e datação de acordo com a história da escrita. Surgindo na nossa amostra, desde 1255, insere-se na letra gótica "ao pé da consolidação do «francês» D, Afonso ffi"[6], muito embora, e como as transições de tipos de letra não se fazem em data certa, surjam naturalmente algumas influências da letra carolina.

Nesta fase embrionária do gótico e, até 1300, a figura da letra e respectiva abreviatura apresentam as seguintes características: a letra é regular e cheia de contrastes entre cheios e finos, podendo o seu olhai variar entre a angulosidade que caracteriza as letras góticas (exs. q1, q2, q3 e q4), uma forma quase redonda (ex. q5), ou ainda, num único caso de maior cursividade, com o olhai aberto (q6). Até 1282, o sinal da abreviatura surge sempre separado da letra, variando entre um traço mais ou menos curvo, comprido e anguloso.



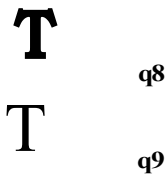
q1
q2
q3
q4
q5
q6

A partir de 1283 aparece o primeiro caso de ligação da haste descendente da letra ao traço da abreviatura, sendo essa ligação feita pelo lado esquerdo da haste (ex. q7). Essa figura vai continuar a aparecer até ao fim do século, sendo utilizada, no entanto, apenas em metade dos casos, continuando a separação da letra e sinal a ser a figura dominante até ao fim do século.



q7

Entre a haste descendente da letra e o traço ascendente do sinal abreviativo, a ligação faz-se curva ou angulosa. A figura é traçada com maior ou menor grau de afastamento do sinal em relação à haste, do maior ou menor tamanho da haste descendente, ou da figura curva ou angulosa que une o traço ascendente do sinal com o traço sobre a letra (exs. q8 e 9). Esta nova variante aparece cronologicamente muito perto de uma terceira figura que surge no ano seguinte (1284), na qual a letra não acaba na haste descendente mas sim numa segunda haste ascendente traçada pelo lado esquerdo, sem ligação ao sinal da abreviatura (ex. qlO).



q8
q9

qlO

A transição do século trará a esta abreviatura uma novidade: a do aparecimento de figura com o sinal abreviativo já não ligado ao fim da haste descendente da letra mas a sair aparentemente do meio dessa mesma haste (ex. ql 1X[e113] realidade a sair do traço 3 que serve de tampo ao olhai (ex. ql2). São, não obstante, figuras minoritárias, mais cuidadas, podendo ser consideradas a excepção à regra, dado que, num universo de 406 amostras, representam apenas 6% dos casos encontrados. São os começos da joanina a impor novo estilo.

q11

q12

A letra dominante no séc. XIV mantém-se gótica caminhando para uma cursivididade cada vez maior, transformando curvaturas de hastes (aparecendo por isso com mais frequência a letra escrita com haste descendente e uma segunda haste que sobe pelo lado esquerdo), apresentando mais traços prolongados e denotando uma progressiva rapidez da escrita.

q13

q14

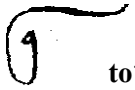
q15

Sendo ainda maioritária a separação da letra do sinal de abreviatura (58% dos casos), este sinal vai apresentar uma maior diversidade, em tamanho, curvatura, angulosidade, aparecendo mesmo raros casos de laços no sinal (exs. q13, 14, 15 e 16).

q16

Os exemplos de ligação da haste descendente da letra ao traço ascendente do sinal são já percentualmente significativos (36%), imperando ainda a ligação em ângulo (ex. ql7) em detrimento da curvatura (ex. ql8).

q!7


to*» l

Para o final do século e, com a chegada ao poder de D. João I, dar-se-à o aparecimento de um tipo de letra caligráfica formada a partir de cursivos, designada por letra joanina, "que se tornará o cursivo comum do nosso século XV[:»t7] (ex. ql9 e 20, onde a letra aparece mais regular).

ql9

Talvez por isso não seja de estranhar a inversão de números relativos à feitura da abreviatura: neste século vai predominar a letra ligada pela sua haste descendente ao sinal da abrevisg^a

|q20 |

(55% dos casos, num universo de 593 amostras), enquanto a separação entre letra e sinal desce para os 44% e a letra ligada a meio da haste ou no próprio olhai quase desaparece, representando apenas 1 %.

Durante este século presenciamos também outro fenómeno do período gótico: o do nascimento das letras bastardas que surgem e têm o seu desenvolvimento em códices literários escritos em português ou em documentos mais importantes, onde a letra, para acompanhar a importância do documento que servia se torna bastante caligrafada (ex. de bastarda plena q21).

^ r^j~

Com a chegada da segunda metade do século XV, o cursivo vai sofrendo pequenas alterações graduais, preparando o advento da letra manuelina: diminuição da extensão das hastes e arredondamento das formas das letras (ex. q22, 23 e 24).

*y^s^* I**²1
^
7^ Q²³
f~& _____
^ _____

Esta tendência irá impor-se rapidamente a partir do começo do séc. XVI, onde a convergência política inicial entre Portugal e Castela terá consequências inevitáveis na escrita, claramente inspirada na letra "cortesana" espanhola. Assim se dá um alívio na compressão horizontal da escrita, um acentuamento da sua inclinação e o arredondamento do traço das letras e sinais.

Sendo um tipo de letra desenvolvido na corte de D. Manuel, merece o nome de letra manuelina (ex. q25, 26e27).

q25
q26
^
q27

Reflexo directo desta nova opção gráfica, a abreviatura do *que* vai incorporar as suas características dominantes, atingindo níveis de cursividade (ex. q28) e ligação de letras bem significativos: de um universo de 729 amostras recolhidas para este século, 77% são do sinal da abreviatura a sair da haste descendente da letra, para apenas 22% de casos em que a letra está separada do sinal e 1% de exemplos de sinal ligado ao olhai da letra.

1 "⁷

Desse novo traçar da letra e respectiva abreviatura desaparece quase por completo a angulosidade que no século anterior tinha dominando quer a ligação da haste da letra ao sinal ascendente da abreviatura, quer a ligação entre esse sinal ascendente e correspondente traço por cima da letra, predominando as formas redondas. Esta tendência, conjugada com o não levantamento

da pena, na medida do possível, dá origem, a partir da segunda metade do século à letra encadeada, tão bem representada na Chancelaria de D. Sebastião (exs. q29, 30 e

[31]>. - o >

|q29

A segunda metade deste século vai trazer novos rumos, ainda que, de início, minoritários: são eles o aparecimento da influência da escrita hurnanística[18], já na sua forma "cancellaresca", ambas importadas de Itália, nomeadamente através dos primeiros manuais impressos de caligrafia, e por isso com tendência caligráfica.

Nos dois casos, a figura é marcadamente influenciada pela letra italiana sendo no primeiro o *q* reduzido à correspondente sobriedade gráfica, dele desaparecendo as curvas e passando a haver uma distinção nítida

vi

entre as letras de cada palavra. O sinal de abreviatura passa a aparecer separado da letra, tornando-se um traço discreto, o "til" feito de baixo para cima, ondulado e oblíquo, em vez de horizontal.(exs. q32 e 33).

i r—i

^

A reforma da Universidade de Coimbra, a criação da de Évora, e os colégios dos jesuítas expandem a "cancellaresca", já maneirista e logo barroca, em duas versões: a semicaligráfica e a francamente cursiva. ^

No segundo (ex. q34) a letra tende ainda a arredondar para a esquerda a sua haste descendente. Mas, em finais do século, apresenta uma figura diferente, passando a ligação da haste descente da letra ao sinal ascendente da abreviatura a ser feito em laço. O traço da abreviatura é pela primeira vez feito pela direita da haste da letra, curvando para cima e para a esquerda até ao olhai, atravessando-o e seguindo o traço para a direita, por cima da letra, terminando o sinal em curvas e contra-curvas em forma de dois, tendência que aliás, se vai manter e acentuar no século seguinte (ex. q35).

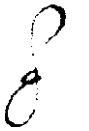
J |<&4|

Estas duas figuras vão, de facto, predominar no séc. XVII, entrando no campo das letras modernas propagadas pelos manuais de aprender a ler e escrever já abertos a buril sobre metal e não em madeira, "que vão detenninar que as letras manuscritas tentem imitar os traços finos que aquelas conseguem atingir. Essa tendência vai conduzir a uma gradual mudança do instrumento da escrita"[19]; a utilização de penas finas e flexíveis.

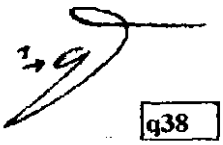
q35

Embora até meio do século continuem a aparecer casos de letra encadeada, eles são já esporádicos, representando uma minoria, a dos tabeliães. Mantém-se a tendência maioritária da abreviatura ligada à letra (75% dos casos numa amostra de 482), mas a ligação essa vai passar a ser feita a subir maioritariamente pelo lado direito da haste e numa diversidade de figuras que ilustram bem a nova fase estética, instalando-se nas ligações um barroquismo de formas "uma espécie de arte-pela-arte do exercício da pena, na euforia da sua descoberta como instrumento do traçado ornamental puro"[20].

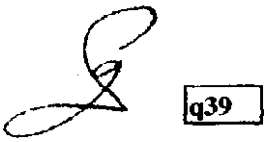
q36



q37



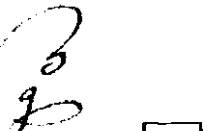
q38



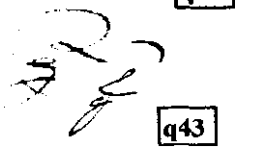
q39

q40

q41



q42



q43

Da fase inicial de ligação simples da haste ao sinal, em curva ou em forma redonda (ex. q36 e 37) sem que o traço ascendente passe para o lado esquerdo da haste, depressa surgirão letras mais inclinadas (exs. q38 e 39), cuja ligação ao sinal abreviativo passará por laçadas simples ou duplas (q40, 41 e 42). O traço final da abreviatura surge também ele muito ornamentado, reflectindo e acentuando a tendência do final do século anterior de apresentar formas numéricas (2 e 3), para, a partir da década de 1680 surgir uma ligação em forma de e comercial (ex. q43).

A letra separada do respectivo sinal de abreviatura vai acompanhar essas tendências gráficas (exs. q44 e 45), ao mesmo tempo que aparece com algumas novidades: a do aparecimento em 1620 do primeiro caso de colocação de um ponto a seguir à letra (ex. q46), e, a partir de 1636, a redução do til a um aparente "ê" ou acento circunflexo (ex. q47 e 48).

tf

q46

q47

Os meados do séc. XVIII trarão um relativo retorno à sobriedade gráfica exigida pela introdução da letra inglesa no nosso país[21], acentuando a obliquidade da escrita, o desenho da letra através de uma só penada e a sua legibilidade, pois como afirma um dos impulsionadores da letra inglesa no nosso país "a boa letra não consiste em superfluidade; mas sim em hum caracter claro, liberal e simples"[22].

q48

Regista-se uma maior aproximação numérica entre a letra separada do sinal e o sinal ligado à haste descendente (41% no primeiro caso para 59% no segundo, numa amostra de 253).

q49

J

Nos casos em que a letra é separada do sinal abreviativo essa sobriedade é bastante mais bem conseguida, continuando o aparecimento do "e" sobrescrito (ex. q49), do ponto a seguir à letra (ex. q50), do sinal em curva e contracurva (ex. q51) ou, numa novidade, em forma de u (ex. q52).

q51

q52

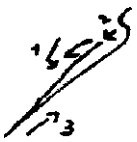
No caso de ligação entre a letra e o sinal abreviativo vai continuar a sentir-se a influência barroca, que a letra inglesa aliás continuará a utilizar, nomeadamente nas suas maiúsculas. Assim se mantém a figura com ligação em laçada dupla (ex. q53), aparece uma figura com laçada simples (ex. q54), e surgem novos tipos ornamentais: o da ligação feita novamente pelo lado esquerdo da haste descendente, em forma final de laçada sobre si mesma (ex. q55) ou afastada do olhai da letra (ex. q56). Simultaneamente aparecem casos de maior sobriedade estilística, em que a ligação é feita aproveitando a obliquidade da haste descendente da letra, subindo o traço do sinal também pelo esquerdo, mas sem traços ornamentais (ex. q57 e 58).

q53

q54

q55

q56



q57

[q58

A passagem para o séc. XIX não trará grandes novidades gráficas, já que a letra inglesa se encontra em estado de franca expansão. Acentua-se o seu carácter sóbrio e de letra que pretende servir uma nova mentalidade cultural, pelo que não é de estranhar que a separação entre a letra e respectivo sinal seja maioritária (67% dos casos, para apenas 33% dos casos de ligação).

/ [q6Õ]

A letra mantém a sua obliquidade, sendo o sinal de abreviatura bastante mais simples; em laçada simples (ex. q59). em e o u sobrescrito (ex. q60) ou em forma de v (ex. q61). A ligação da letra ao sinal, essa mantém-se sem traços ornamentais (ex. q62).

À laia de conclusão ao comentário paleográfico, parece-nos possível classificar esta abreviatura em quatro períodos cronológicos, tendo em conta a evolução da sua figura/feitura e respectivo sinal de abreviatura, bem como a sua ligação às correntes artísticas e políticas vividas no nosso país.

De facto, a evolução da letra não pode deixar de estar relacionada com as alterações estéticas, já que "(...) as figuras gráficas sofrem em geral, e por vezes de modo marcante, influência das correntes artísticas dominantes"[23] e geo-políticas.Por outro lado, a importância dada à escrita como poder político e económico reflecte-se também na introdução e expansão ou não de tipos de letras: exemplos elucidativos desta última afirmação são, para o caso espanhol a insistência que os reis católicos tinham para que todas as escrituras públicas fossem escritas em letra cortesã, chegando a estipular multas para quem assim o não fizesse[24], para o caso inglês, a exportação conjunta e reflectida do comércio e de um tipo de letra a ele adequado[25], ou, no caso português, a importância dada pelo Marquês de Pombal à necessidade de ensinar a escrever e promover um bom tipo de letra[26] para que a adrninistração política seja mais bem conseguida.

Distinguimos, assim, os seguintes períodos cronológicos que propomos como base de trabalho:

I° - de 1255 a 1450, onde, apesar das diferentes correntes da letra gótica surgidas no nosso país, a figura da abreviatura surge maioritariamente como um *q_* isolado, muito embora possam aparecer casos de ligadura entre a letra e o sinal.

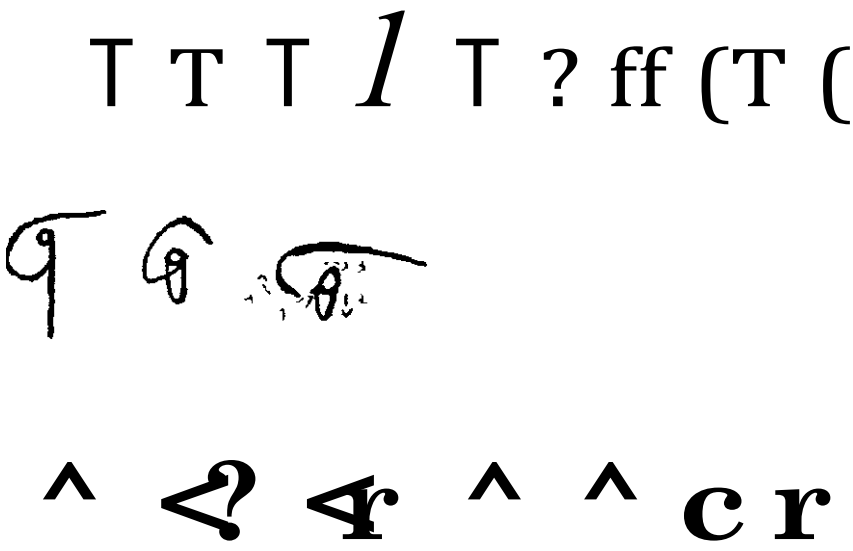
A letra vai modificando o seu *ductus* conforme se vão dando diferenças significativas na escrita (nomeadamente na passagem das caligráficas para as cursivas comuns) e o sinal, esse sim, apresenta uma variante considerável de orientação do traço.

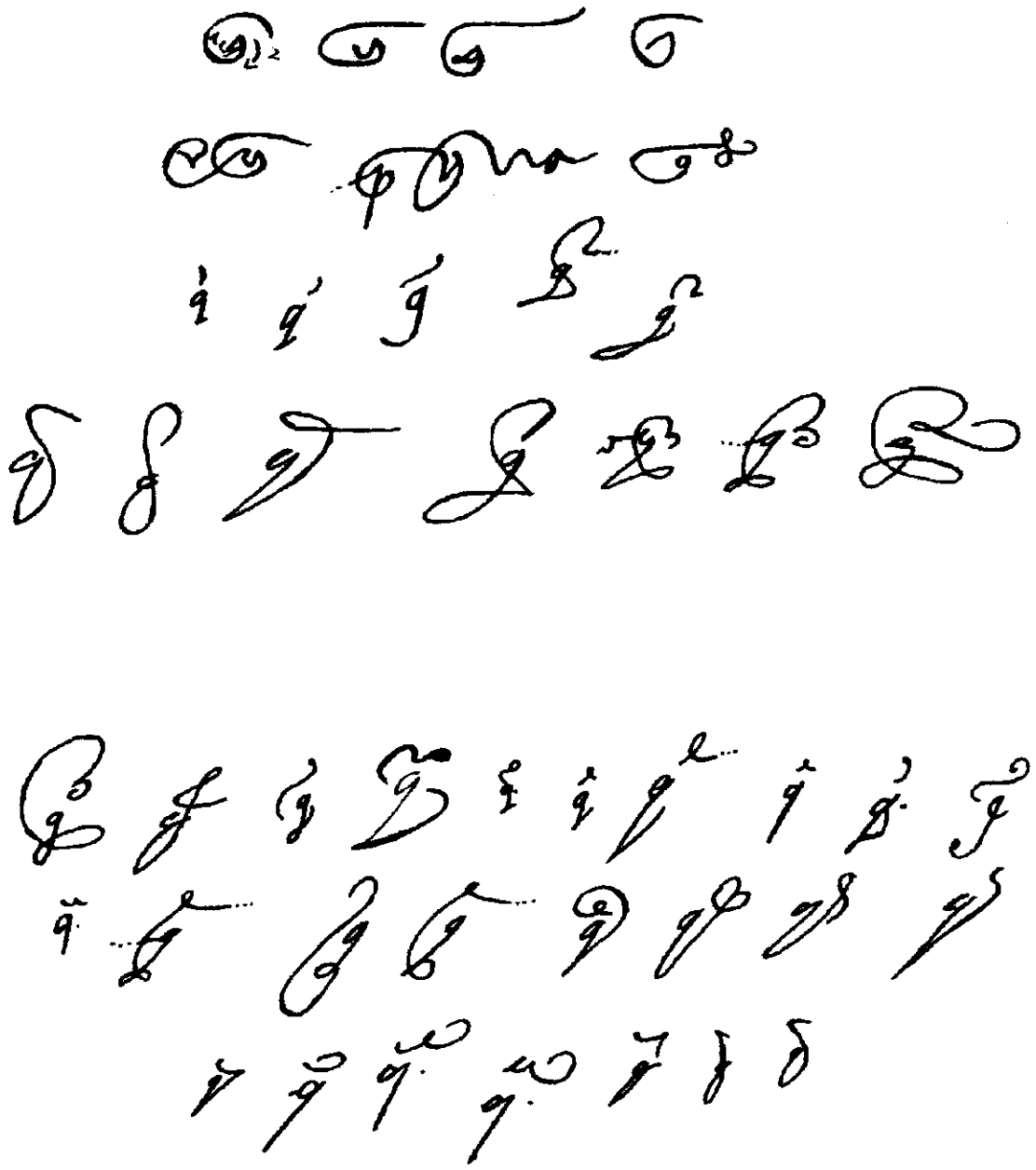
2° - de 1450 a 1580, surge, com a progressiva cursivação da gótica, aparecimento da manuelina e encadeamento da letra, aliada às necessidades de uma administração política em crescimento, que se pretendia mais eficaz e, portanto, mais rápida, maioritariamente com a ligação ao sinal de abreviatura mais ou menos desenvolvido em extenção e grau. Predominam assim as formas redondas e a ligação pelo lado esquerdo da haste descendente da letra.

3° - de 1580 a 1750 onde impera a influência italiana da letra humanística e, sobretudo da "cancellaresca" e do barroco. Continua a predominar a ligação da letra ao sinal geral de abreviatura, mas a ligação faz-se quer pelo lado esquerdo quer pelo lado direito da haste descendente da letra. A figura reflecte as diferenças estéticas, com curvas e contra-curvas, ornatos mais ou menos elaborados, apresentanto exemplares de grande efeito estético.

4ª - de 1750 a 1850 onde a figura volta à maioritária separação da letra e respectivo sinal de abreviatura. Embora ainda se façam sentir influências barrocas, a grande novidade é a letra inglesa, com a sua sobriedade de formas aliada a uma concepção de escrita utilitária ao serviço do comércio.

Anexo





[1] iniciados com o rigor da ciência diplomática introduzida no nosso país por João Pedro Ribeiro.Foi no entanto, um problema sentido desde os primórdios da nacionalidade, sendo referidos casos de demosntração de falsidade de documentos no reinado de D. Dinis. Veja-se Marques, A. H. de O., "Diplomática" in Dicionário de História de Portugal. Porto: Livraria Figueirinhas, 1981.

[2] v. Nogueira, Bernardo de Sá. O Tabelionado em Portugal

[3] v. Barros, H. da Gama. História da Administração Pública em Portugal. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1950, vol. VIII, p. 385 e 386.

[4] veja-se o levantamento das mesmas feitas por Ribeiro, João Pedro. Dissertações chronológicas e críticas. Lisboa: Typ. Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1857, T. II, dissertação VI.

[5] vejam-se os vários exemplos dados por João Pedro Ribeiro, Gama Barros, Rui de Azevedo e mais recentemente por José Marques, Isaías da Rosa Pereira, Maria Helena da Cruz Coelho e Maria José Azevedo Santos, para citar apenas alguns.

[6] embora haja, naturalmente, outras formas de datação; a própria linguagem, a ortografia utilizada,as marcas de água, as tintas, etc.

[7] Veja-se para isso Nunes, Eduardo Borges. Abreviaturas Paleográficas Portuguesas. Lisboa: Faculdade de Letras, 1981.

[8] Nunes, Eduardo Borges. Abreviaturas Paleográficas Portuguesas. Lisboa: Faculdade de Letras, 1981, p. 9- 12.

[9] vejam-se as respectivas abreviaturas latinas de *quU guae* e *quod* em Capelli, Adriano. Dizionario di Abbreviature latine ed italiane. Milano: Editora Ulrico Hoepli, 1961.

[10] quanto à classificação da evolução da escrita em Portugal, seguiremos a terminologia e método proposto por Nunes, Eduardo Borges. Álbum de Paleografia Portuguesa. Lisboa: Faculdade de Letras, 1961, não deixando, no entanto, de nos reportarmos a obras nas quais a classificação da escrita no nosso país se restrinja a um período mais específico.

[11] este levantamento beneficiou do contributo inestimável do ficheiro particular do Prof. Borges Nunes, a quem aliás devemos a ideia desta comunicação, que o cedeu amavelmente para a realização deste trabalho, e sem o qual o mesmo ficaria incompleto.

[12] Veja-se Mallon, Jean, "La lettre B" in De L*écriture: récueil d'études publiés de 1937 a 1981. Paris: CNRS, 1986.

[13] sobre a transição, em Portugal da escrita carolina para a gótica, veja-se Santos, Maria José Azevedo. Da visigótica à carolina: a escrita em Portugal de 882 a 1172. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994, p. 199 a 239.

[14] para a descrição das características deste tipo de escrita e sua associação ao tipo de arquitectura e arte veja-se Nova História de Portugal, vol. 3: Portugal em definição de fronteiras. Lisboa: Editorial Presença, 1996, p. 621.

[15] para a distinção entre os tipos de alfabeto, ver Avellar, Ana Filipa Sá e Serpa Gomes de. Compromisso de Confraria de Setúbel: 1330: leitura paleográfica. Lisboa: Faculdade de Letras, 1996, p.16-17.

[16] Nunes, Eduardo Borges. Álbum de Paleografia e Diplomática. Lisboa: Faculdade de Letras, 1969, p. 12.

[17] Nunes, Eduardo Borges. Álbum de Paleografia e Diplomática. Lisboa: Faculdade de Letras, 1969, p. 12.

[18] sobre o aparecimento da letra humanística em Portugal, veja-se Marques, José. L'écriture de Francesco Cavalcanti, une nouveauté au Portugal, 1482. Porto, 1995. Trata-se justamente de um italiano que vem viver para o norte do país, o que permite acentuar a novidade desse tipo de escrita, numa época em que não se encontra ainda correspondência nos nossos meios culturais.

[19] Borges, Leonor Calvao. Directório Pratico de José da Silva Gomes: leitura e edição. Lisboa: Faculdade de Letras, 1996, p.54.

[20] Nunes, Eduardo Borges. Álbum de Paleografia e Diplomática. Lisboa: Faculdade de Letras, 1969, p. 13.

[21] sobre a introdução da letra inglesa em Portugal veja-se Borges, Leonor Calvão. Directório Pratico de José da Silva Gomes: leitura e edição. Lisboa: Faculdade de Letras, 1996, p.55-57 e Monteiro. Ana Rita Amaro. Actos de Posse do Conselho Ultramarino. Lisboa: Faculdade de Letras, 1996, p. 74-79.

[22] Silva, Joaquim José Ventura da. Regras methodícas para aprender a ler e escrever o caracter da letra inglesa. Lisboa: OfTicina de Simão Thaddeo Ferreira, 1803, p. 89

[23] Nunes, Eduardo Borges. Varia Paeopraphica maiora ac minora. Lisboa, 1973, p. 22.

[24] **referido por Merino de Jesu-Christo, Andrés. Escuela Paleographica... Valencia: Paris-Valencia, 1994, fac-simile da edição de 1780, p. 332.**

[25] **veja-se Bickham, Georges. The Universal Penman. New York: Dover Publications, 1941, fàc-simile da edição de 1743, p. 8.**

[26] **Pombal, Marquês de. Memórias secretíssimas do Marquês de Pombal apresentadas a el-rei D. José. Lisboa: Typ. F. Silva, s.d., p. 4.**